



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

Marta Gama<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho objetiva tecer reflexões acerca dos efeitos da proposta de Luis Alberto Warat de projetar no campo do Direito os aportes da Teoria da Carnavalização literária de Mikhail Bakhtin e da constituição do que ele denominou Epistemologia Carnavalizada. A partir das diversas linhas abertas pela sua obra *A ciência jurídica e seus dois maridos*, atravessada pelos conceitos bakhtinianos de carnaval, carnavalização, polifonia, dialogia e polissemia, intenta-se construir uma genealogia intermitente que coloca a própria obra como autêntico ato de carnavalização do Direito. Isso se dá pelo efeito desestabilizador independente do alcance teórico da sua proposta da Epistemologia Carnavalizada.

**Palavras-chave:** Teoria da Carnavalização; A ciência jurídica e seus dois maridos; Epistemologia Carnavalizada; Direito; Carnavalização.

## **LEGAL SCIENCE AND HER TWO HUSBANDS (IN PORTUGUESE A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS), PUTTING THE TRUTHS OUT OF THEIR PLACES: A PROJECTION OF THE LITERARY CARNAVALIZATION THEORY ON LAW**

**Abstract:** This paper aims to weave reflections on Luis Alberto Warat's proposal to project the approaches from Mikhail Bakhtin's Carnavalization Theory on the field of Law and the constitution Warat named Carnavalized Epistemology. One strives to build an genealogy that puts Warat's work *A ciência jurídica e seus dois maridos* as an authentic act of Law carnavalization, from the many ways open from the aforementioned work, crossed by the bakhtinian concepts of carnival, carnavalization, polyphony, dialogy and polissemity. This happens through the unbalancing effect this work has in the field of Law, regardless the theoretical range of his Carnavalized Epistemology proposal.

**Keywords:** Theory of Carnavalization; Legal science and her two husbands; Carnavalized Epistemology; Law; Carnavalization.

---

<sup>1</sup> Advogada. Doutora em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília- UnB, Mestra em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília- UnB, Bacharela em Direito pela Universidade Católica de Salvador- UCSAL. Professora do Curso de Direito da Faculdade Social da Bahia-FSBA. Endereço eletrônico: [martagamma@hotmail.com](mailto:martagamma@hotmail.com).



## 1 INTRODUÇÃO

A modernidade tem como eixo central as ideias de progresso e perfectibilidade humana, assim como a defesa do conhecimento racional como meio para a superação de preconceitos e ideologias tradicionais. Esse ideal de progresso não se limita apenas ao aumento do conhecimento e da capacidade técnica de produção de bens, do aumento da riqueza, o progresso técnico, mas buscava alcançar o progresso qualitativo, aquele que contribuiria para o aperfeiçoamento humano, para uma existência mais livre e feliz (MARCUSE, 2001).

Os modernos admitiam que os seres humanos estão em condição de tornar este mundo um mundo melhor - mediante introspecção, livre exercício das capacidades humanas e do engajamento político-social. Na sua cruzada para livrar o mundo das suas superstições, por construir um vida segundo a razão, a modernidade rompeu com um mundo sagrado que era ao mesmo tempo natural e divino, transparente à razão e criado. A razão, transformada em mito buscou controlar todos os aspectos da vida do homem. A meta era a castração do desejo a fim de produzir indivíduos dóceis para dar ensejo ao espetáculo da produção. A humanidade, docilizada, domesticada, inserida numa economia de mercado, que também a transforma em mercadoria, viu aborta, ser abortado o ideal Iluminista incorporado pela modernidade, de construção de autonomia, da superação do reino da necessidade, da realização da liberdade. Foi a razão moderna que instruiu os homens a dominarem e reprimirem seus desejos de tal modo a poderem cada vez mais contribuir, com seu trabalho e dedicação, para construir a cultura de riquezas que ela é capaz de gerar (ROUANET, 2003; MARCUSE, 2001; FOUCAULT, 2004).

O racionalismo como forma ideológica da razão buscou, sobretudo, definir quais saberes estariam aptos a conquistar o status de ciência. Essa busca se concretizou em uma instância chamada Epistême. Aqueles saberes que não preenchem as condições de possibilidade para alcançar a categoria de ciência foram relegados à condição de senso comum, saberes de segunda classe, inaptos a orientar a vida dos homens. Nessa perspectiva, muitos aspectos da experiência humana foram negligenciados, abandonados e até mesmo ocultados. Os aspectos densos, imagéticos, simbólicos, sensíveis, passionais, místicos, da experiência vivida foram deixados de lado em detrimento dos aspectos intelectuais, racionais e científicos.

Ao refletir sobre a Epistemologia moderna, Luis Alberto Warat (2006b) denuncia o conteúdo ideológico encoberto sob sua capa de neutralidade e verdade. Para ele, a Episteme é



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

o lugar de produção das conotações ideológicas dos discursos das verdades, ou seja, na sua pureza se encontrava o poder das verdades e a Epistemologia do Direito tem a função de ocultar as dimensões de poder inerentes ao discurso jurídico. Desta forma, a epistemologia, por ser um lugar que procura a certeza, a univocidade, o controle da indeterminação, terminaria como um discurso ideológico. Assim, no interior dessas preocupações epistemológicas, põe em crise as pretensões de neutralidade e universalidade, da busca da certeza e da verdade, denunciando as suas pretensões de dominação (WARAT, 2004b).

Apresentado ao pensamento de Mikhail Bakhtin, Warat viu-se imediatamente afetado pelo infinito de “[...] possibilidades de vida que surgem dos territórios carnavalizados” (2004a, p. 61). Encantado, questionou-se sobre a possibilidade de fazer atravessar o Direito pela Teoria da Carnavalização, inaugurando um território de ambiguidades, com uma escritura que o pulverizasse como sujeito acadêmico de enunciação de verdades científicas. Pondo à vontade o seu prazer pela escrita, escaparia “[...] a três grandes fantasmas: a estereotipação, a analogia e o mito da unidade, transgredindo permanentemente as deformações regradas da semântica cientificista” (2004 a, p. 105).

Assim, a sua obra *A Ciência jurídica e seus dois maridos* é uma tentativa de inscrever no Direito os aportes da Teoria da Carnavalização literária de Bakhtin e o momento de elaboração da sua Epistemologia Carnavalizada; como estratégia para realizar a compreensão do devir incerto das verdades, propõe a substituição dos discursos tradicionais que falam verdades, pela poética. A epistemologia carnavalizada pretende substituir o método pela cartografia, a hierarquização e verticalidade dos saberes pelo rizoma, as identidades pelos devires e os territórios pelos lugares vazios (WARAT, 2004a).

Diante das diversas linhas abertas pela *A ciência jurídica e seus dois maridos*, admito uma como condutora: a obra e sua potência disruptora no campo do Direito; a obra, ela mesma, como dispositivo produtor de rupturas, estranhamentos, fissuras no imaginário jurídico, capaz de produzir o novo.

No caminho para construir a minha genealogia parto da obra de Mikhail Bakhtin, cujos conceitos de carnavalização, carnaval, polifonia, dialogismos afetaram a obra de Warat, para em seguida deixar que o seu texto me atravessasse, produzindo em meu corpo vibrações, inquietações, fragmentos. Diante destas pistas, tendo já recolhidos aquelas deixadas pelo próprio autor no seu texto, passarei então à questão então posta: seria a obra *A ciência jurídica*



*e seus dois maridos* um ato de carnavalização do Direito?

## 2 A CARNAVALIZAÇÃO E O CARNAVAL: DISSOLUÇÃO E NOVIDADE

Bakhtin (2002) parte da análise do carnaval, como fenômeno próprio das manifestações populares, para elucidar a sua influência na literatura e, assim criar a sua Teoria da Carnavalização Literária e os conceitos de carnavalização e de literatura carnavalizada. Para ele, o carnaval não é um fenômeno literário, mas uma forma de espetáculo compartilhado por todos os participantes, de caráter ritual, muito complexa, variada que apresenta diversas matizes e variedades dependentes da diferença de épocas, povos e festejos particulares. O carnaval criou toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas, entre grandes e complexas ações de massas e gestos carnavalescos. Essa linguagem exprime de forma diversificada uma cosmovisão carnavalesca, que não pode ser traduzida com o menor grau de plenitude e adequação para a linguagem verbal, mas é susceptível de certa transposição para a linguagem da literatura, por caráter concretamente sensorial das imagens artísticas. É essa transposição do carnaval para a linguagem da literatura que ele vai chamar literatura carnavalizada (BAKHTIN, 2002). O carnaval se constitui como um dos rituais onde o congregamento popular expressa suas raízes, seus mitos, numa forma social de alegria e conagração. Como manifestação lúdica coletiva descarta o realismo e a seriedade como normas sociais. Para ele:

O carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval mas vive-se nele, e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca. Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido (“monde à l’envers”). (BAKHTIN, 2002, p.122/123.)

De acordo com Bakhtin (2002) a percepção carnavalesca do mundo é caracterizada em quatro categorias: a) por uma familiaridade estabelecida pela suspensão das restrições e das normas vigentes que regem o relacionamento humano e, assim se opõem as condições preestabelecidas do comportamento social, pois, durante o carnaval revogam-se o sistema hierárquico e todas as formas de conexas de medo, reverencia, devoção, etiqueta, etc.; b) pela excentricidade, onde a repressão e a censura são afastadas, oportunizando que se revelem e se expressem – em forma concreto sensorial – os aspectos ocultos da natureza humana; c) pelas



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

*méssaliances* que no carnaval fazem com que entrem em contato e combinações todos os elementos antes fechados, separados e distanciados pela cosmovisão extra carnavalesca. Assim, o sagrado se aproxima do profano, o sublime do grotesco, o sério do cômico, o bem do mal, etc.; d) pela profanação, que toma forma por meio dos sacrilégios, pelas indecências carnavalescas, relacionadas com a força produtora da terra e do corpo. É onde a arbitrariedade encerra todo um sistema de relações paradoxais com relação as extravagancias narrativas, onde a paródia é seu lugar comum.

Outro aspecto do carnaval analisado por Bakhtin foram as ações carnavalescas, cuja principal é a coroação bufa e posterior destronamento do rei do carnaval, que se verifica em formas variadas em todos os tipos de festejos do tipo carnavalesco. Em sua base reside o próprio núcleo da cosmovisão carnavalesca: a ênfase das mudanças e transformações, da morte e da renovação. Pois, o carnaval é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova.

Nas festas carnavalescas, há a coroação de um rei, pessoa do povo, proclamando-se a relatividade universal, onde os polos da negação e da afirmação são desestabilizados. A partir da efemeridade da festa já se pode perceber a deposição – a destronização – do monarca. A coroação-destronamento é um ritual ambivalente biunívoco, que expressa a inevitabilidade e, simultaneamente, a criatividade da mudança-renovação e a relatividade de qualquer regime. O momento de destronamento se opõe ao rito de coroação; o destronado é despojado de todos os símbolos de poder e é ridicularizado. Ao ser coroado o rei é elevado e, em seu destronamento acontece sua queda. Nesse movimento, a festa se revela em seu caráter destruidor e regenerador, de morte e de nascimento. É pela destronização, muito mais que pelo seu antitético – a entronização – que podemos perceber a ruptura, a morte, alcançam um significado de denúncia social. Esta dualidade demonstra a criação de um mundo paralelo ao mundo oficial e real. Um mundo ao inverso, já que o carnaval é a festa da mudança, processo em que a vida contém a morte e vice-versa. É, dessa forma, um rito de passagem (BAKHTIN, 2002).

Bakhtin (2002) ressalta o caráter biunívoco das imagens carnavalescas, que englobam os dois campos de mudança e da crise: nascimento e morte, benção e maldição, elogios e impropérios, mocidade e velhice, belo e feio, alto e baixo, castidade e promiscuidade, etc. As imagens pares, escolhidas em função do contraste e pela semelhança também são muito comuns, tratando-se da expressão da excentricidade, categoria específica da carnavalização; da violação do que é comum e geralmente aceito: a vida deslocada do seu curso habitual. Afirma



que a imagem do fogo no carnaval é profundamente ambivalente, já que o fogo é que destrói e simultaneamente renova o mundo.

Outro aspecto constante dos ritos carnavalescos são as situações de desnudamento e de mascaramento, já que o ato de pôr a máscara significa assumir outra personalidade ou esconder-se, assim como o de tirar a máscara significa mostra-se, exhibir-se. Os personagens carnavalescos, marcados pela excentricidade, são alegóricos, representam tipos determinados, podem ser o que realmente são ou aquilo que desejam ser, porque se valem da estratégia do mascaramento. Segundo Bakhtin, a carnavalização “[...] permite que se revelem e expressem - em forma concreto-sensorial - os aspectos ocultos da natureza humana” (1997, p. 123). Portanto, a carnavalização abarca um conjunto de metamorfoses, de travestimentos, de afirmação do cômico, de fantasia e inventividade.

No carnaval não há regras, tudo é permitido inclusive o grotesco, o obsceno, ao contrário, justamente, do que apregoa a cultura oficial cerceadora. Entende-se, portanto, como carnavalesca, a completa quebra de tabus, a liberação de energias, instintos e desejos, castrados e censurados pela cultura oficial. O interdito dá lugar à transgressão, e é feita a sacralização de elementos profanos. É o realismo grotesco próprio da carnavalização, que possibilita a conjugação da vida material e corporal, na qual as imagens do corpo, das satisfações carnavais de comida, bebida e sexo têm lugar de destaque. O carnaval envolve a celebração do corpo grotesco – comida farta, embriaguez, promiscuidade sexual – num mundo em que a cultura erudita é posta de cabeça para baixo. O corpo grotesco do carnaval é o corpo inferior de impurezas, desproporção, imediatez, orifícios. O corpo material que é oposto do corpo clássico, belo, simétrico, superior, percebido à distância, o corpo ideal. O corpo grotesco e o carnaval representam a alteridade excluída do processo de formação da identidade e da cultura popular.

Nos festejos carnavalescos pode-se identificar os ritos das inversões, oposições e transgressões simbólicas, nos quais os pares antinômicos superior-inferior, sublime-vagabundo, erudito-popular, clássico-grotesco, são desconstruídos e reconstruídos, obedecendo a uma lógica do mundo às avessas. O carnaval é, pois, a maneira de inverter as desigualdades, os particularismos e as hierarquias que são estabelecidas pela ordem e pela estrutura da sociedade; se o cotidiano enrijece uma realidade afeita aos preceitos e ao regime hierárquico, o extraordinário carnavalesco reforça a universalidade e a homogeneidade. Por essa lógica, se diluem as fronteiras entre ricos e pobres, misturam-se os desejos, instauram-se dicotomias como



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

entre o sagrado e o profano, o sublime e o vulgar, o belo e o feio. As oposições ganham lugar numa encenação em que se desfazem as hierarquias - a plebe vira elite, vestida com requintadas fantasias- invertem-se os papéis - homem se traveste de mulher e vice-versa- e se celebra a abundância -muita alegria, brilho, enfeite, música, dança- em oposição à escassez cotidiana.

As características associadas ao carnaval rompem com a ordem e a estrutura do cotidiano e, apresenta um universo de possibilidades, de liberação, de transitoriedade. Além do mais, é no ritual, sobretudo no ritual coletivo, que a sociedade pode ter, e efetivamente tem uma visão alternativa de si mesma. Nesse momento ela sai de si própria e ganha um terreno ambíguo, onde não fica nem como é normalmente nem como poderia ser, já que o cerimonial é, por definição um estado passageiro. É essa força disruptora e criativa que Bakhtin percebeu no carnaval e na carnavalização literária.

Todo esse conjunto de fatores e características que dão o perfil da comemoração popular traduz uma tal catarse sentimental, que acontece como um ritual de liberação das pulsões reprimidas durante todo o resto do ano, marcado pelo exagero e pela efemeridade, porque depois tudo volta ao normal, à realidade cotidiana.

Essas categorias têm funcionado, ao longo do tempo, como um elo pelo qual o homem se familiariza com seu mundo oficial para desierarquizarizá-lo, para desestabilizá-lo e, ao mesmo tempo renová-lo. Na literatura, elas permitirão atuar em um espaço de contato livre e familiar, pois por meio da carnavalização é construído um mundo utópico, no qual reinam a liberdade, a igualdade, a abundância, a universalidade e, principalmente, a excentricidade, valorizando o mundo às avessas. O espaço privilegiado pela literatura carnavalizada são os diferentes lugares de encontro e contato, sem respeito a hierarquias, onde é usada uma linguagem vulgar, livre do autoritarismo da etiqueta. A excentricidade permite ao reprimido expressar-se transformando, assim, em figura central o marginal, o excluído, o escandaloso.

Esses rituais transformam-se em literatura quando o enredo ou situações de enredo adquirem profundidade simbólica e ambivalência ou a relatividade alegre, a leveza carnavalesca e a rapidez das mudanças. Uma obra carnavalizada, inevitavelmente, é uma obra dialógica onde o autor não fala pelo herói, mas reconhece-o como sujeito de fala. A literatura carnavalizada constrói uma pluralidade intencional de estilos e vozes, mistura o sublime e o vulgar, intercala gêneros provocando uma mescla de dialetos, jargões, vozes, estilos. É, então marcada pelo riso, que dessacraliza e relativiza as coisas sérias, as verdades estabelecidas. A ironia é dirigida aos



poderosos, àquilo que é considerado superior. Aliam-se, então, a negação através da zombaria e da gozação à afirmação que é a alegria.

A paródia é a narrativa que mais se aproxima da carnavalização, sendo a própria natureza dialética de concepção do mundo carnavalesco que a elege como um elemento inseparável na constituição da literatura carnavalizada. Parodiam-se os textos sérios e, no momento em que se zomba da voz séria, está-se negando o discurso da autoridade e afirmando a relatividade das coisas. O efeito carnavalizado da paródia na literatura acentua a ambivalência das imagens em dois planos, acentua o riso, o grotesco, a crítica, duplamente. Assim, a paródia compreende justamente esse universo de inversão, de deslocamento, de contradição, de dessacralização, próprio da literatura carnavalizada; nela são eliminados por meio da profanação os limites de tempo, de espaço, de amplitude humana, pois, tudo é levado a situações excepcionais.

Desta feita, a paródia revela-se como um discurso dialógico porque se biparte, ficando de um lado o discurso sério e solene e, de outro, o jocoso, o ridículo. Entre esses dois extremos, o discurso encena o espetáculo da vida e o espetáculo de sua própria constituição. E, no momento em que inclui a voz do outro, o dialogismo se torna profundamente polifônico.

Assim, ainda pode-se dizer que o carnaval, como a representação máxima da carnavalização, conjuga uma pluralidade de vozes tal que o caracteriza, fundamentalmente, como polifônico, dada sua heterogeneidade constitutiva, que relaciona extravagância e simplicidade, cenários exóticos e banais, aspectos eruditos e populares, mesclando uma significativa variedade de estilos e contemplando a junção de pessoas de diferentes classes sociais, etnias e idades.

Nesse sentido, o texto carnavalesco oferece uma pluralidade de vozes, consciências independentes e com valor equivalente. Há coexistência e interação de personagens e linguagens, de universos, de pontos de vista. A desierarquização, a inversão da ordem, concorrem fundamentalmente para a multiplicidade e discursos do carnaval. O mundo é pensado mais espacialmente do que temporalmente, havendo por isso mesmo uma simultaneidade de pontos de vista sobre o mesmo. Esta mescla e mistura onde os contrastes violentos se caracterizam é que forma virtualmente o universo do carnaval.

Esta é uma das principais características da narrativa dialógica e polifônica, que rompe com a narrativa monológica – lugar comum da narrativa romântica que se caracteriza por



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

centralizar a ação e a visão do herói, a partir da ótica do autor. Da mesma forma que o herói monológico se institui, o herói dialógico se estrutura, porém com plenitude, liberdade e independência do autor.

No monologismo o autor concentra em si mesmo todo o processo de criação, é o único centro irradiador da consciência, das vozes, imagens e pontos de vista do romance. O modelo monológico não admite a existência da consciência responsiva do outro, que é mero objeto da consciência de um “eu” que tudo informa e comanda. O monológico é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhece nela a força decisória, descarta o outro como entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade social e, assim procedendo, coisifica em certa medida toda a realidade e cria um modelo monológico de um universo mudo, inerte. Pretende ser a última palavra. Em qualquer forma que assuma, os personagens são objeto do discurso do autor, que não os vê como sujeitos. O autoritarismo se associa à indiscutibilidade das verdades veiculadas por um discurso, ao dogmatismo; o acabamento, à negação dos universos individuais das personagens e sua sujeição ao horizonte do autor (BEZERRA, 2005).

Ao revés, na narrativa polifônica são associados os conceitos de realidade em formação, inconclusibilidade, não acabamento, polifonia e dialogismo, pois, na ótica da polifonia, as personagens que povoam o universo romanesco estão em permanente evolução. A inconclusibilidade e o não acabamento decorrem da condição do romance como gênero em formação, sujeito de mudanças, cujas personagens são sempre representadas em um processo de evolução que nunca se conclui. O dialogismo e a polifonia estão vinculados à natureza ampla e multifacetada do universo romanesco, ao seu povoamento por um grande número de personagens, à capacidade do romancista para recriar a riqueza dos seres e caracteres humanos traduzida na multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica apresentada; representa a libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência. No enfoque polifônico, a autoconsciência da personagem é o traço dominante na construção de sua imagem e, isso pressupõe uma posição radicalmente nova do autor na representação da personagem (BEZERRA, 2005).

Outro aspecto do dialogismo a ser considerado é o do diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define. Ponto de intersecção de muitos diálogos, cruzamento das vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas. A intertextualidade é interna das vozes que falam e polemizam no texto, nele produzindo o



diálogo com outros textos (BARROS, 2003).

Para Bakhtin (2002) a língua enquanto discurso é dialógica e que, em todos os enunciados, há uma dialogização interna do discurso, pois, todo discurso é atravessado pelo discurso do outro, isso quer dizer que as palavras de um falante estão sempre e, inevitavelmente perpassadas pelas palavras do outro. Por outro lado, ele afirma que o sujeito é constituído pelas várias vozes sociais de seu entorno e, como a realidade é bastante diversificada, o sujeito será, então, constitutivamente dialógico. Portanto, o mundo interior de cada um é formado por diferentes vozes em relações de concordância ou discordância e, se todas as línguas são processos dialógicos e a literatura é constituída essencialmente pela língua, então o sentido de uma obra literária será fruto de uma construção dialógica.

Assim, partindo das características do carnaval e, da observação da instituição de uma literatura a partir desses aportes, Bakhtin criou os conceitos de carnavalização, dialogismo, polifonia, intertextualidade que serão antropofagicamente devorados por Warat ao propor a Epistemologia carnalizada na sua obra *A ciência jurídica e seus dois maridos*.

## 2.1 A Epistemologia carnalizada: colocando as verdades fora de lugar

Para Warat (2004a) as verdades propostas pelas ciências são explicações assustadas, respostas omissas, conceitos mutilados que provocam práticas mutiladoras, montagens insensíveis, questões sem desejos, hipóteses deserotizadas, convicções sem futuro. Denomina “direita do saber” a imposição de um conhecimento que ordena uma conformidade com o real, nega a possibilidade das utopias e nos sujeita a uma resignificação adequada entre as palavras e as coisas.

O pensamento epistemológico “perplexo” nasce, assim, como a interrogação ante o conjunto de crenças diante das quais as ciências sociais fazem repousar sua ordem simbólica. Essa interrogação e debate encontram-se nos espaços e efeitos totalitários que a epistemologia das ciências sociais provoca. E nos coloca de frente a um totalitarismo da razão que mantém o envelhecimento das ideias, provocada pela tendência a afirmá-las coerentes, sem ambiguidades, e sempre idênticas a si mesmas (WARAT, 2004 a).

Frente à teoria de Bakhtin questionou-se sobre a possibilidade de utilizar a cosmovisão carnavalesca da vida, com o intuito de subverter o *establishment* epistemológico; sobre a possibilidade de valer-se da literatura carnalizada, ligando-a às práticas epistemológicas, para



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

ajuda-las a superar seus solipsismo. E, se a carnavalização pode “[...] tornar possível a criação de estruturas abertas, da grande polifonia contra os costumes gnosiológicos que deixam os juristas com sua consciência em paz” (WARAT, 2004a, p. 154).

Naquele momento, ele pensou na carnavalização como uma forma de transferência da interação social ao território da produção do saber. Pretendendo apontar a uma cosmovisão carnavalesca da vida, com a finalidade de tornar visível o envelhecimento de certas versões sobre a produção do saber jurídico e social, assim como suas práticas de ensino. Procurando uma “fórmula” que em sua flexibilidade constituinte, transpirasse sua revolta contra as regras metodológicas pelas quais se processa a neutralidade, coloca-se a verdade à serviço da coerência e se poupa a sociedade de expor-se às indeterminações e a complexidade (WARAT, 2004a).

O apelo à carnavalização como agenciamento para a mudança de sensibilidade, a fim de enfrentar as perplexidades, um certo desencanto que vai se generalizando no pensamento epistemológico das ciências sociais e suas estratégias de ensino. Tudo se passa como se o trajeto das esperanças e desesperanças de uma cosmovisão carnavalesca do mundo efetivasse, como pedagogia, mecanismos de redescoberta da fragmentação do mundo do saber.

A metáfora do carnaval poderia ajudar a entender que não há mais uma autoridade incontestável, fiadora do poder e do saber. Não se poderia tentar a implementação de tal princípio sem pressupor que o saber e o poder não são mais apropriáveis por alguém. Eles se tornam, em certo sentido, práticas vazias. Pensar a verdade e o poder como lugares vazios é uma maneira de combater ou contrabalançar o perigo sempre constante de um congelamento autoritário das opiniões, dos discursos e das crenças. O lugar vazio seria o lugar de uma ordem imaginária, de uma ordem simbólica e de uma ordem de relações de poder sem petrificações nem hierarquias. O lugar vazio seria o lugar simbólico onde o conflito permitiria o devir do novo (WARAT, 2004 a)..

Os sinais do novo, que a visão carnavalesca do saber convoca, renegam todo e qualquer tipo de ambição unificadora das significações. A carnalidade procura sempre o tom fragmentado para desfazer as representações ideológicas, de uma sociedade orgânica e unificada, na imagem de um mundo firmemente definido na razão, e na imagem de uma sociedade que conta papéis claramente determinados.

Para Warat, o carnaval



[...] resgata o espontâneo da vida e se revela contra os moldes de uma racionalidade preexistente que quer entronizar as verdades nos valores conservadores de um saber armado, pré-fabricado, de um saber preocupado em não misturar as sujeiras acadêmicas com as penúrias dos simples e com as angustias, os impulsos e prazeres do cotidiano. (2004 a, p. 147).

Apresentando como componente decisivo o contato direito com a vida e não com a razão. Trata-se da abertura para novas significações “[...] de um lugar da fala que aproxima a compreensão as vivências, que constrói espelhos para decifrar um cotidiano encoberto por verdades, por uma razão ideal. Um cotidiano assim determinado fica impedido de descobrir a positividade do imprevisto, do fantástico, do mágico e do que não pode levar as marcas da coerência” (WARAT, 2004 a, p. 147).

Existe na articulação carnalizada dos discursos um elemento dinâmico, que servirá para exorcizar um dia-a-dia sem imprevisibilidade e sem espontaneidade. É uma revolta contra o paradigma da distinção, do dever e do método, tão caracterizador das funções totalizantes das ciências sociais. A carnavalização instaura um clima compreensivo para recuperar a espontaneidade e neutralizar a suprema racionalidade dos quadros de referência que amarram a vida. A cosmovisão carnavalesca abala ou enfrenta aqueles princípios, crenças ou mecanismos que colocam a razão acima da vida. O viés carnalizador exercita uma técnica de sabotagem, conspirando contra as formas nobres de expressão ligadas as classes totalitárias do saber.

A carnavalização revitaliza, extraíndo do subúrbio cultural as manifestações populares expressas pela espontaneidade do cotidiano e da praça pública; está empenhada em exaltar as formas do saber menosprezadas pela cultura oficial.

A carnavalização propôs a intertextualidade dos discursos, relativizando o seu caráter dogmático. A intertextualidade, para Bakhtin, encontra-se necessariamente definida pela polifonia, o dialogismo e polissemia. A ideia de polifonia, junto à da intertextualidade, são dois sintomas chaves para situar-se frente à fórmula da carnavalização. A polifonia é uma operação antilinear, uma técnica para colocar em crise a verdade. O sistema de signos tende a perder sua hegemonia, quando é marcado por estruturas simultâneas de organização. A polifonia estimula a ruptura da estereotipação dos discursos, provoca o deslocamento permanente dos significados (WARAT, 2004 a).

A carnavalização, desde seu princípio, foi uma proposta de quebra com o autoritarismo



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

das verdades científicas. Carnavalizar é produzir um discurso para profanar as verdades consagradas, escapar dos sentimentos estabelecidos. Carnavalizar as ciências sociais é destacar uma herança, subverter o ideal de uma ciência rigorosa e objetiva, estabelecer o caráter imaginário das verdades e compreender que, através do gênero científico, nunca poderá efetivar-se a crítica à sociedade e reconciliar-se os homens com os seus desejos.

Os critérios epistemológicos do cientificismo são ideológicos, na medida em que, em nome da unidade e da objetividade, apagam as relações necessárias entre as teorias e o conjunto de determinações sociais que as marcam discursivamente. “Colocar a verdade fora de lugar é quebrar o tabu da objetividade e a hierarquia dos discursos. É a ordem idealista que impõe as formas de um discurso científico que se auto-apresenta como o único possível sobre o real” (WARAT, 2004b, p. 35).

Valendo-se do paradoxo do carnaval, ele questiona: “[...] poderão os juristas, como Dona Flor, construir uma máscara de Vadinho que incite sua criatividade, que lhe provoque uma ardente aspiração à extrema liberdade de ideias? (2004a, p. 84). Diz Warat: “[...] um pouco como Dona Flor, ele [o Direito] poderia descambar em um Vadinho para compensar-se da sobrecarga de deveres que lhe impõe um Teodoro” (2004a, p. 74). E propõe aos juristas que aceitem um discurso dito do lugar mais indeferido que a linguagem tolera: novelas, poemas e desejos para que entrem e invadam a totalidade dos discursos “[...] das ciências ou metafísicas, que nascem na mesa de um bar ou na cama, nesse depois cheio de distinção e carinho, servindo com a mesma beneficência que as verdades instituídas para escolher significações para o mundo (WARAT, 2004a, p. 89).

A fruição que emerge da criação, pois, “[...] o que é importante é que o homem em cada instante, em todos os momentos, mergulhe na criação” (WARAT, 2004a, p. 83), fazendo da criação o seu ato cotidiano e do seu cotidiano o ato de criação. E, assim construir “[...] um saber sobre o Direito que reconcilie o homem com suas paixões, tenha respostas de acordo com o mundo e transforme a estagnação de suas verdades em desejos vivos (WARAT, 2004a, p. 84).

A Epistemologia carnavalizada se propõe a introduzir critérios que sirvam para construir o novo, para inventar o novo, para apressar o envelhecimento das verdades consagradas. Com sua fala Warat pretende, valendo-se da ambivalência do carnaval, colocar em crise o instituído, para fazer nascer o novo no Direito. Presente o seu desejo de desvio da visão monogâmica do mundo que a ciência nos dá, ou seja o paradigma científico da modernidade para uma



cosmovisão carnavalesca. É essa visão que ele quer emprestar ao Direito por meio da Epistemologia carnavalizada.

## 2.1 A ciência jurídica e seus dois maridos: produzindo estranhamentos, vibrações

O título da obra tomado de empréstimo do romance *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado já se constituía efetivamente em uma grande provocação, pois, não podemos esquecer a carga simbólica que Jorge Amado, celebre escritor baiano, comunista, frequentador de terreiros de candomblé, carregava consigo. Da mesma forma, todo o apelo erótico que Dona Flor, - personagem do romance vivido em uma telenovela por uma das atrizes mais sensuais do Brasil, Sônia Braga- , investem no imaginário do povo brasileiro. Ambientado o romance em Salvador, cidade da Bahia, carregada de mistérios, crenças e religiosidades, cidade profana, praieira, com seus quitutes e guloseimas preparadas por Dona Flor, é o *locus* próprio aos apelos da carne e também da alma. Por fim, um dos pontos altos do romance de Jorge Amado é a morte de Vadinho - que Warat identifica com Dionísio em oposição a Teodoro identificado com Apolo - em pleno carnaval da Bahia.

Todos estes elementos simbólicos carregavam a obra de Warat das matrizes carnavalescas: ambiguidades, oposições, erotismo, religiosidade, rupturas, no momento mesmo do seu nascedouro. Assim, poderia dizer que antes de qualquer palavra ser escrita, estando ainda em branco as folhas, a obra já se constituía um texto, antes do texto, a representar uma subversão no mundo jurídico.

A capa do livro anuncia a tentativa de demarcar um horizonte crítico, transdisciplinar, complexo já indicado por Warat em obras anteriores, o que seria o marco de sua vida acadêmica: em um fundo cinza, o título em letras negras, a pintura do busto de uma mulher, pele clara, cabelos longos, escuros e lisos. A personagem desnuda, aparentemente calma, mas concentrada, olha fixamente para algo que não é revelado ao expectador. A sua boca remete a certa sensualidade. Três conchas ornamentam o lado direito da capa, enquanto duas gotas (ou seriam sementes?) decoram o lado esquerdo. Uma rosa vermelha do lado direito do sue peito e um lenço no lado esquerdo, podem remeter a ideia de dualidades, antagonismos, paradoxos...uma balança ergue-se sobre a sua cabeça. Uma obra de arte permeada de símbolos, de metáforas, cujos apelos e sentidos permanecem abertos em face do título da obra.

Os subtítulos da obra: *Com o andar da carroça as melancias se acomodam, Balada*



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

para um “cronópio”: o canto da sensibilidade, *Citar e citar-se*, *Em nome da razão você pode ser agressivo*, *Essa raridade chamada amor*, *Verdades malandras* e *Dar-se conta*, apresentam a sua rebeldia contra a sisudez, a pretensa seriedade do mundo jurídico e a sua linguagem cheia de pompas e a afirmam a inscrição de uma fala irônica, coloquial, lúdica neste mesmo lugar.

Já nas primeiras linhas Warat afirma a abertura do texto para qualquer ideia, tema, manifestação, voz, soluço, ou grito, já que começa sem um começo: “Por onde começar?” (2004 a, p. 61). Questionar-se, para em seguida afirmar: “Por enquanto unicamente tenho clara a escolha de um título e o sabor de um discurso inesperado [...]” (2004 a, p. 61). Daí a construção de um espaço polifônico, cuja heterogeneidade constitutiva vai se desenhando no decorrer do texto.

Nessa obra Warat abandona os esquemas pretensamente científicos da linguagem jurídica e se rende à linguagem literária, aos personagens do romance *Dona Flor e seus dois maridos*, e seus apelos simbólicos, para produzir uma fala que já é a carnavalização do Direito, porque traz em si os elementos carnavalescos: a ruptura coma narrativa legitimada, que reproduz o modelo de produção de conhecimento científico e suas estereotipações.

A descontinuidade da narrativa, que oscila, avança e retroage no seu próprio tempo. A abordagem de temas em fragmentos e o uso do fragmento como estilo. O apelo ao lúdico, ao irônico e ao poético. A narrativa confessional, romanceada, que intercala temas de diversas áreas do conhecimento com momentos sobre a vida pessoal do autor. O descarte do realismo e da seriedade. A inconclusibilidade do texto. O ambiente polifônico do texto. Nos encaminham para um lugar carnavalizado, desconexo, fora do lugar e como já dito, para a própria obra como ato de carnavalizar.

Para ele, Flor e seus dois maridos são personagens da fuga, “Aliados de peso aos quais recorri para desajustar toda submissão a um mundo sólido, material e uno”. (WARAT, 2004a, p. 62). Esse mundo pretensamente sólido, monológico, imutável, que se constituiu unidade baseada na angústia da castração, ele rejeita: “Gosto de Dona Flor porque é um exercício que escapa ao uno. Mulher-cabrocha que assume sem nenhuma vergonha a contradição e resiste ao poder da castração de toda a psicologia da unidade” (WARAT, 2004a, p. 62).

Rejeitando o monológico como cosmovisão, assume a dialogicidade, a polifonia, enquanto veio de percepção do mundo, como mesmo anuncia: “Concretamente explodiu em mim a possibilidade do emprego dos personagens de um romance, como entrada de uma rede



de vozes com mil estradas” (WARAT, 2004a, p. 62). Efetivamente no decorrer do seu texto podemos “escutar” as muitas vozes, seja do próprio Warat, *ator* multifacetado, seja dos personagens tomados de Jorge Amado ou de Júlio Cortázar, que inscritos no mundo jurídico vão construindo narrativas que provocam no Direito o desejo pela vida, desestabilizando o instituído.

A alegria dos personagens de Amado, principalmente a alegria e o jeito malandro, jocosos de Vadinho e o desejo de vida de Dona Flor, fazem surgir no texto esses elementos marcantes do carnaval: a alegria, o gozo, a possibilidade de fruição da vida como evento desejante e não como um mero exercício de deveres. Imprimem uma leveza ao texto e podem levar a irresponsabilidade do tempo carnavalesco, onde a suspensão de todas as proibições, interditos e tabus, propiciam um estado de libertação dos desejos.

Para Warat, Dona Flor põe em andamento a liberdade de viver os próprios desejos, representando o erótico, como ato desejante:

Em meus encontros com Flor, vejo-a sempre como a heroína da poligamia, dos significados e do imaginário erotizado. Um impulso vulcânico para viver que me traz a imagem de uma espécie de “Mãe-Coragem” baiana, cuja grandeza está precisamente em haver aprendido a existir, pondo em risco o padrão de desejos instituídos (podados). É um jogo sutil que lhe permite sobreviver e resplandecer ante tantas tentativas de castrações, feita em nome de uma cultura aparentemente sem manchas. Não há desejos. Não há mistérios. Falta o sabor apimentado da marginalidade, da ambivalência (WARAT, 2004 a, p. 62)

Assim ele constrói a sua própria Dona Flor, como mulher que não consegue se contaminar pela castração e se encanta ao imaginá-la:

[...] como a heroína da ambivalência, que foge do dever e abre horizontes ao desejo. Seu valor de plenitude viria da intensidade, da vitalidade, do jeito vibrante com que encara a possibilidade de romper com os costumes do desejo, o hábito dos corpos e o dever do sentido. Tudo através de um confronto apaixonado com o *vivement marginal* (o que é com alma e vida marginal) (WARAT, 2004 a, p. 67).

O erotismo é situado como a possibilidade de dissolução das formas instituídas, e “[...] Vadinho prolongando o desejo, recuperando a descontinuidade depois da sua morte é um grande



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

representante do erotismo” (WARAT, 2004 a, p.80), pois, a ordem instituída e a regularidade são um princípio de morte instalado na vida. Para vencê-los deve-se produzir um excesso, “[...] transformando ao máximo a continuidade, isto é, erotizando o movimento regrado. Provocando o imprevisto. O erotismo é um excesso de imprevisibilidade. [...] é um desejo de transgredir (WARAT, 2004 a, p.80). Nesse ponto é que para ele se dá a fusão do erotismo com a marginalidade. É o território das significações, das perguntas e das respostas sem paradigmas, abertas ao infinito. Contudo, o erotismo também precisa do jogo alternativo do interdito e da transgressão, pois ele cria o desejo através do interdito.

Aí encontra-se a importância de Teodoro e de Vadinho para Dona Flor, ordem e caos, regras e dissolução, nascimento e morte. Teodoro e Vadinho, personagens colocados em oposição, representam assim a ambivalência. O primeiro representa a ordem, a certeza, as normas. E o segundo a desordem, o caos, a suspensão das normas, a dissolução. A ordem presente no mundo descarnavalizado e o mundo às avessas instaurado pelo carnaval. “[...] Vadinho é a voz do subsolo, um desejo marginal que permite a Dona Flor não ter medo de refletir ludicamente suas contradições” (WARAT, 2004a, p. 76). Apolo e Dionísio precisam de seus altares, precisam de ritos e orações. E nós precisamos de ambos. Uma dimensão não pode existir sem a outra. O mundo descarnavalizado precisa do carnaval como momento de ruptura, para desajustando todas as certezas criar novas harmonias e, assim retornar ao cotidiano: “Dona Flor, com a parceria dos dois, constitui ritualmente seus desejos. O ritual purifica a transgressão e constitui a proibição na razão do desejo. A transgressão ritualiza, legitima a violação da proibição. Toda a proibição pode ser violada se é executada conforme uma lei que regula a transgressão”. (WARAT, 2004 a, p. 81).

Ambivalência que representa dimensões da vida, cuja tensão permite a sua refundação. O novo sempre se origina por um ritual de passagem, quando relativizadas as nossas certezas, desmanchadas as nossas seguranças, rompidos os grilhões, desconstruídos os alicerces, podemos cria-lo. Passado o carnaval, as portas da cidade são novamente fechadas e a vida retoma o seu curso, porém já não somos os mesmos...Assim, Warat entende que a transgressão, pelo efeito do erotismo, está em constante tensão com as normas:

Teremos facilidade para entender que a razão nunca soube fixar seus limites. Em busca de outras linguagens, sentiremos o conflito das relações entre o erotismo e as normas. Ninguém considera as possibilidades de um vida desligada para sempre da lei e da razão. Porém, o erotismo é o ponto de transgressão que impede que as leis se



transformem nos próprios fins da vida civilizada (WARAT, 2004 a, p. 82).

A oposição entre Teodoro e Vadinho também é identificada com a oposição feminino/masculino. Warat refere-se a dois tipos de energia contrapostos que influem na configuração dos modos de desejar dos dois gêneros. Vadinho como expressão do feminino, representa a procura do novo. O feminino, como um lado da energia do desejo, constitui possibilidades de transformação, a desconstrução de normas e valores congelados e de estruturas aditivas. Manifesta-se como o despertar das diferenças, para produzi-las com o outro. Resolve no incessante do novo, a criação do novo possível. Em oposição, o masculino é visto como energia aditiva que constitui o próprio corpo como necessidade, o risco do previsível e a negação das incertezas e do novo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Warat *A ciência jurídica e seus dois maridos* é mesmo um manifesto, um grito contra todo o mofo e imobilidade que cercam o mundo jurídico. Nela estão assentados os pilares da sua proposta epistemológica: a carnavalização, a polifonia, a alteridade, o desejo, a imaginação e, no lugar da razão castradora, o prazer. E o que importa inscrever o desejo de ruptura com o cotidiano vigente, a inversão e a transgressão que geram a desordem, a ambivalência, a mudança, em meio ao conjunto de sentidos e significados assegurados no mundo jurídico? O que importa a suspensão da realidade tão como a conhecemos e a assunção de um instante ausente de hierarquias, onde a onipotência do burlesco, do grotesco, da cultura do popular que promovem a polifonia de vozes, a intertextualidade e a dialogicidade são lei? Essa resposta não pode ser formulada de forma uníssona, única, certa, pois, não há como esgotar a riqueza de sentidos emprenhados no texto de Warat; a cada leitura eles se multiplicam e brindam o leitor com novas possibilidades.

O que busquei no percurso realizado no presente artigo foi refletir sobre a obra de Warat como o próprio ato de carnavalizar o mundo jurídico, provocando com sua fala destoante a ruptura, a inversão e a sensação de mundo às avessas. O distanciamento provocado pelo absurdo de uma fala posta fora do seu lugar, permite a reflexão sobre o cotidiano na medida em que denuncia a sua insensatez. Essa desordem pelo efeito da ambivalência traz em si os rituais de morte e de nascimento próprios do carnaval. Detenho-me na carnavalização como ato de ruptura



## **A CIÊNCIA JURÍDICA E SEUS DOIS MARIDOS, COLOCANDO AS VERDADES FORA DO LUGAR: UMA PROJEÇÃO DA TEORIA DA CARNAVALIZAÇÃO LITERÁRIA NO DIREITO**

com o modelo instituído, produtor da ambivalência, morte que sempre traz consigo o nascimento.

Nesse sentido, são as minhas considerações, sobre a natureza carnavalesca da obra *A ciência jurídica e seus dois maridos*, que é em si um ato carnavalesco, porque a sua permanência no mundo jurídico é a continua e interpelação pelas estranhezas que provoca.

### **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec/ UnB, 2002.

BARROS, Diana Luz de. **Dialogismo, Polifonia e Enunciação**. In: **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. BARROS, Diana Luz de; FIORIN, José Luiz (Org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BEZERRA, Paulo. **Polifonia**. In: **Bakhtin: conceitos chaves**. BRAIT, Beth, (Org.). São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONÇALVES, Robson Pereira. **Macunaíma: carnaval e malandragem**. Santa Maria: Imprensa Universitária, 1982.

MARCUSE, Hebert. **Cultura e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WARAT, Luis Alberto. **Manifesto do surrealismo jurídico**. São Paulo: Editora Acadêmica, 1988.

\_\_\_\_\_. **O amor tomado pelo amor**. Porto Alegre: Acadêmica, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semiotica Ecológica Y Derecho: los alrededores de una semiótica de la mediación**. Buenos Aires: ALMED, 1997.

\_\_\_\_\_. **Territórios desconhecidos: a procura surrealista pelos lugares do abandono do sentido e da reconstrução da subjetividade**. Vol. I. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004a.



\_\_\_\_\_. **Epistemologia e o ensino do Direito: o sonho acabou.** Vol. II. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Os quadrinhos puros do Direito.** Buenos Aires: ALMED, sem data.

WARAT, Luis Alberto; ENTELMAN, Ricardo. **Derecho al Derecho.** Buenos Aires, 1970.